

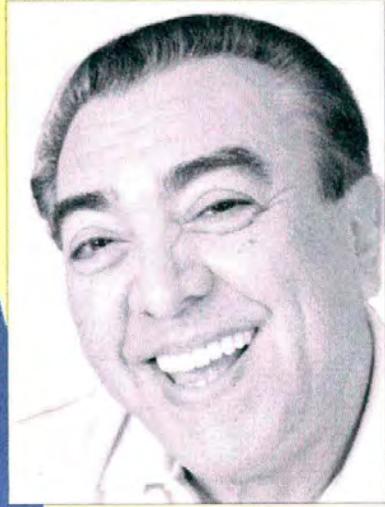
# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IX Nº 111/116  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Impresso  
444/2003/DR/BSB  
CÂMARA  
LEGISLATIVA  
...CORREIOS...

## Maurício de Sousa



# Brasília

*45 anos*

## Patrimônio da humanidade

## Gênio da história em quadrinhos



© MSP

# B R A S

## Meu testemunho

□ MANUEL MENDES

Brasília está aí, à vista de todos, bonita, pujante, "centro das altas decisões do país", como queria seu criador Juscelino Kubitschek. Parece incrível que esta cidade tenha apenas 45 anos. E difícil de acreditar, até mesmo por nós, pioneiros, que tivemos a ventura de aqui chegar em 1957, quando se rasgavam as primeiras vias e se cavavam as primeiras fundações dos prédios magníficos que hoje emprestam tanta beleza à Capital, graças ao gênio de Oscar Niemeyer.

Mas, falar de hoje, da cidade do nosso cotidiano, é dizer o óbvio. Prefiro voltar ao passado, sobretudo porque a maior parte dos que vivem na Brasília dos nossos dias não participou da epopéia de sua construção. Das noites silenciosas e escuras, da lama, da poeira irritante, do medo do *barbeiro* escondido em alguma fresta dos barracos de madeira que formavam os acampamentos, do isolamento agravado pela falta de meios de comunicação e de luz, do desconforto, da dúvida de que naquele cerrado vazio pudesse se construir uma cidade em pouco mais de três anos, partindo-se do nada.

E a dúvida não era só nossa, era

1957



Fotos Manuel Mendes

*A placa, mandada fazer pela Fundação da Casa Popular, lembrando a polêmica sobre a construção de Brasília*

do Brasil inteiro, em especial dos meios de comunicação que, em sua grande maioria, não aprovavam a construção da cidade. Logo que chegávamos às terras da futura capital, na saída do "aeroporto", uma grande placa lembrava essa polêmica: "Brasília, alguns contra, muitos a favor, todos beneficiados." Era, na verdade, uma informação otimista, pois a maioria era contra e poucos a favor. Mas, a teimosia de Juscelino, a dureza e a perseverança de Israel Pinheiro, o presidente

da então todo-poderosa Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) e a disposição de milhares de candangos anônimos fizeram a diferença.

Na volta ao passado, começo com o ponto onde pus os pés, pela primeira vez, nas terras deste vasto Planalto Central: a estação de passageiros do "aeroporto" de então. Era a primeira de Brasília naquele local. Começara a funcionar em setembro de 1957 e não passava de um simples e acanhado barracão

# ÍLLIA

## 45 anos

1957

de madeira, na área onde agora se instala o VI Comando Aéreo Regional (Comar). Tinha forma retangular, com piso de cimento. A pequena pista de pouso era de asfalto e foi, depois, incorporada à pista atual. Este terminal aéreo seria, com o passar dos anos, substituído por dois outros maiores, também de madeira, antes de se chegar ao moderno terminal de hoje. O caminho que tomávamos para a área do Plano Piloto, uma estradinha de terra, provisória, passava entre as QI 1 e QI 3, no Lago Sul. O lago não existia, nem as casas. Havia um córrego que era atravessado por uma ponte de toras de madeira, mais ou menos na área onde hoje está a ponte que leva ao Centro Comercial Gilberto Salomão.

Na verdade, o primeiro aeroporto de Brasília, que funcionou até agosto de 1957, era uma pista de terra, construída ao lado de uma velha casa da fazenda do Gama, onde se instalou um sistema de rádio para orientar os pilotos. A casa servia ainda como “estação de passageiros” e ficava na área hoje ocupada pelo Country Clube. Os aviões de então, que aqui operavam, com a frequência de uma ou duas vezes por dia, eram os velhos e resistentes DC-3.

A área onde agora brilha a cidade era um deserto em termos de ocupação. Os lugarejos mais próximos, Luziânia e Planaltina, pouco tinham a oferecer. Com a total ausência de infra-estrutura, a cons-



*O Palácio foi inaugurado em julho de 1958*

trução de Brasília foi feita em quatro etapas diferentes. Na primeira, foram usadas barracas de lona para o desmatamento e demarcações. Na segunda, criou-se o Núcleo Bandeirante, com casas de madeira, e que serviria de apoio para a construção dos acampamentos das firmas e dos órgãos públicos, principalmente a Novacap, instalada em dois grandes barracões, onde hoje fica a Candangolândia. Eu e mais outros colegas do antigo Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (Iapse), fomos alojados num barraco de madeira bruta, cheio de frestas, que servia como escritório e dormitório para o nosso pequeno grupo pioneiro formado por nove

peçoas, todas vindas do Instituto, no Rio, onde deixamos esposas e filhos.

O “escritório”, que ficava na área verde da SQS 207, tinha uma divisão no meio, ficando de um lado três mesas de trabalho, um fichário de aço e duas pranchetas de desenho; do outro, um pequeno almoxarifado, com estoques de tintas, pregos, serrotes, martelos, roupas de cama e uma caixa com medicamentos para primeiros-socorros. À noite, dormíamos ali mesmo, em camas de lona, de armar. Fazíamos as refeições numa longa mesa de tábuas brutas. A comida era preparada por um cozinheiro, num fogão de lenha, debaixo de um telheiro. Como não havia geladeira – não

1959



*O Hospital Distrital – agora Hospital de Base – em final de construção*

havia sequer eletricidade! – a comida era sempre feita com as compras do dia, no Núcleo Bandeirante. Para iluminação, usávamos lâmpadas de querosene, de pressão. A situação era mais ou menos a mesma nos demais acampamentos.

A partir dali, saímos para a terceira etapa da construção da nova capital, erguendo barracões maiores e que abrigariam grupos geradores, alojamento para centenas de operários, com refeitório e cozinha, alojamento para funcionários e uma cantina para reuniões e refeições, casas para engenheiros e funcionários graduados, posto médico, um amplo escritório e galpões para o almoxarifado central e depósitos de materiais, uma balança para caminhões, bombas de gasolina e óleo, oficina e carpintaria. Tudo em madeira e de caráter provisório, pois seria posto abaixo quando a obra se completasse. Partindo-se do nada, todas as firmas ou instituições públicas tinham que completar essa etapa, tomando um tempo precioso do curto espaço que se tinha até a data fixada para a instalação da Capital: 21 de abril de 1960. Todas essas etapas, absolutamente necessárias,

1958



*O Congresso Nacional, no início da construção*

representavam, também, um gasto extra apreciável antes mesmo de se iniciar a primeira fundação de um prédio, ou seja, a construção da própria cidade.

Outro gasto extra corria por conta da distância dos centros de produção da maioria dos materiais necessários à construção. O cimento para as obras dos institutos vinha de trem até Vianópolis. De lá para Brasília, em caminhões por

estradas de terra cheias de buraco e muita poeira na época seca e atoleiros intermináveis na estação chuvosa. O mesmo acontecia com a madeira que vinha do Paraná e o ferro que vinha do Rio, de São Paulo e de Minas.

A Novacap cuidava das obras dos prédios necessários à instalação dos poderes da República, com recursos da União, além da infraestrutura da futura cidade. A cons-

1958



*Os Ministérios, ainda em estrutura metálica, ao fundo. Em primeiro plano, filho e irmão do autor*

1958



*O primeiro terminal do aeroporto*

1958



*A Catedral*

trução dos apartamentos e casas ficou nas mãos dos diversos Institutos de Aposentadoria e Pensão e de outros órgãos como a Fundação da Casa Popular. Naquela época, o INSS não existia. Em seu lugar, instituições independentes, os conhecidos IAPs, que cuidavam da aposentadoria, assistência médica e carteira imobiliária dos seus segurados conforme a qualificação de cada um. Tínhamos o IAPI dos industriários, o IAPC dos comerciários, o IAPB dos bancários, o Iapetec dos empregados em transportes e cargas, o IAPM dos marítimos, o Ibase dos funcionários públicos federais, etc.

O presidente Juscelino determi-

nou então que as carteiras imobiliárias de cada um desses órgãos investissem na construção de imóveis para seus segurados apenas em Brasília. E a Novacap distribuiu as quadras e superquadras onde cada um deveria construir. O IAPI ficou com as SQS 105 e 305, além de quadras nas quatrocentos; ao IAPC coube as SQS 106 e 306; o Iapetec ficou com a 107 e 307; o IAPB com a 108 e 308; o IAPM com a 205; o Ibase com as SQS 206, 207 e 208. A fundação da Casa Popular ficou com vários lotes na W5 Sul. Essas quadras, todas na Asa Sul, formaram o núcleo habitacional de Brasília na época da instalação da Capital.

Paralelamente, a Novacap administrava a construção das grandes obras públicas: os palácios, os ministérios, os tribunais, o congresso, a rodoviária, as vias asfaltadas, o sistema de esgoto e de águas, tudo enfim que permitiria a instalação dos poderes da República e seus servidores quando a nova Capital fosse inaugurada.

Grandes firmas, com milhares de operários e um ritmo de trabalho de 10 ou 12 horas por dia, faziam do Plano Piloto um vasto e ativo canteiro de obras. Foi assim que no dia 21 de abril, com grandes solenidades, a Capital do país deu as costas para o mar, virando-se para o vasto Brasil até então esquecido, deste imenso e rico Planalto Central. Era uma nova etapa da história pátria que se iniciava. E hoje não há como negar que o sonho de Juscelino realizou-se em toda a sua plenitude quando, em sua primeira visita à região, ele profetizou: "Desto Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

**Manuel Mendes**, jornalista, fotógrafo e funcionário público, publicou vários artigos no "Correio Braziliense", além de uma coluna sobre vida diplomática, que começou a escrever em fevereiro de 1964, parando apenas no final de dezembro de 1992. Publicou ainda os livros *Meu testemunho de Brasília* e *O cerrado de casaca*. Fez muitas fotos da construção e as doou ao Arquivo Público do DF. Possui doze condecorações estrangeiras e quatro nacionais. Aos 79 anos de idade, 48 deles vividos em Brasília, pretende reeditar seus livros, há muito esgotados. Apaixonado pela cidade que ajudou a construir, irrita-se com as agressões que Brasília vem sofrendo ao longo dos anos e com as mentiras fantasiosas que muitos contam sobre a construção da cidade. Ele se coloca à disposição de colégios e de outras instituições para fazer palestra, ilustrando-a com sua coleção de fotos, sem nada cobrar. Telefone: (61) 248-2839.

E-mail: [manuel-pessoa@uol.com.br](mailto:manuel-pessoa@uol.com.br)